

# Sala apertada da Ordem Social afasta pressões

BRASÍLIA— A Comissão da Ordem Social está funcionando numa pequena sala de 65 lugares — só os constituintes são 68 —, que abriga ainda dezenas de grupos de pressão, desde trabalhadores recrutados pela CUT e pela CGT, até ex-combatentes, que se revoltaram contra a limitação de 20 lugares para a assistência. O acesso chegou a ser vedado à imprensa, e só foi liberado após interferência do Comitê de Imprensa do Senado.

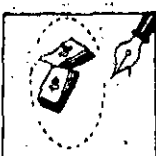
Com seguranças guardando as duas portas da sala, o presidente da comissão, deputado Edme Tavares, abriu a sessão por volta das 9h30 e a suspendeu para apresentação de pedidos de destaque. Foram apresentados 479. Enquanto os assessores da comissão catalogavam os destaques, do lado de fora da sala, sentados pelos corredores, populares reclama-

vam das dificuldades para acompanhamento dos trabalhos.

A Ordem Social reabriu começou a trabalhar às 17h para a votação do relatório do senador Almir Gabriel, que tem como pontos mais polêmicos as inovações sobre estabilidade de emprego, seguridade social e jornada de trabalho. "A escolha do local foi proposital", acusou um pouco antes o deputado Domingos Leonelli (PMDB-BA), que, como alguns outros membros da comissão, tentou fazer com que Edme Tavares transferisse a votação para um plenário maior. Segundo Leonelli, evitando a presença dos grupos de pressão, Tavares "manobrou para derrubar tudo que tiver posições progressistas". "Só quero garantir a tranquilidade dos constituintes", defendeu-se o presidente.

# Serra distribui propostas para compor substitutivo

BRASÍLIA — Pelas normas da Constituinte, substitutivo é o parecer dado pelo relator de uma comissão aos relatórios das três subcomissões que a compõem e às emendas apresentadas a eles. Para o deputado José Serra, relator da Comissão do Sistema Tributário, Orçamento e Finanças, essa foi uma tarefa particularmente fácil. A própria assessoria de Serra elaborou as propostas que interessava incluir no seu trabalho, deu para outros parlamentares assinarem e o deputado as acatou, quase que integralmente. Sem sequer ter-se dado ao trabalho de assumir a autoria de modificações no polêmico relatório do deputado Fernando Gasparian, da Subcomissão do Sistema Tributário.



A manobra pode parecer complicada, mas não é. "Isto é comum no Congresso", explicou o líder do PMDB no Senado, Fernando Henrique Cardoso. As propostas cuja inclusão no substitutivo interessavam ao relator foram encaminhadas aos deputados Benito Gama (PFL-BA) e Osmundo Rebouças (PMDB-CE), ao senador Raimundo Lyra (PMDB-PB) e a Fernando Henrique. Eles assinaram sugestões praticamente idênticas, com justificativas que são cópias uma das outras, datilografadas na mesma máquina de escrever de tipo miúdo e com o m carregado. Na mesma máquina foram datilografadas três outras emendas de Benito Gama, quatro da deputada Rita Camata (PMDB-ES) e uma do deputado Fernando Bezerra Coelho (PMDB-PE).

**Emendas gêmeas** — O caso mais flagrante é o das emendas iguais com justificativas iguais. A emenda número 546, da autoria de Gama, muda os artigos 2º e 3º do relatório de Gasparian. A emenda 547, de Osmundo Rebouças, é igual à de Gama quando estabelece exceções para o funcionamento de bancos

estrangeiros, mas inclui um artigo 15º que a torna uma cópia da emenda 579, do senador Raimundo Lyra. As três têm parágrafos idênticos na justificativa: "Ademais, já é uma realidade a participação de instituições financeiras brasileiras nos mercados internacionais, principalmente o Banco do Brasil. A proibição de participação estrangeira em instituições financeiras no Brasil, alterando a norma vigente, levará alguns países a adotar medidas de retaliação".

Outra emenda de Rebouças, a de número 548, divide as atribuições de acompanhamento e fiscalização da política monetária, financeira e cambial entre a Câmara dos Deputados e o Senado Federal. A emenda assinada por Fernando Henrique Cardoso traz os mesmos 24 parágrafos da justificativa de sua irmã gêmea.

"A assessoria de Serra mandou a proposta para a minha assessoria. Eu li, aprovei e assinei", contou Fernando Henrique. "Como assinei outras emendas que me foram solicitadas, como por exemplo para as mulheres". Segundo seus assessores, é normal que constituintes, para darem maior projeção às suas propostas, peçam ao líder para assumir a autoria. O que não é normal é que se dê a um líder e a um obscuro deputado cearense a mesma emenda, baseada na mesma justificativa e batida na mesma máquina.

"Existem várias propostas que foram encaminhadas à comissão por entidades, associações e até órgãos do governo que a gente resolve assumir porque concorda com elas. Mas não é possível saber se outro colega também as acatou", alegou Rebouças. Ele disse que não se lembra da origem da proposta que assinou e que não teve sequer o trabalho de datilografar, mas assessores de parlamentares envolvidos nesta confusa indústria de emendas garantiram que o autor delas é o próprio relator José Serra.

# Maia acha que seria hoje o candidato do PDT no Rio

**Dora Tavares de Lima**

O deputado federal César Maia (PDT-RJ) está convencido de que se as eleições para o governo do estado fossem na semana que vem ele seria o candidato do PDT à sucessão de Moreira Franco. Mais que isso, seria o favorito da população. Com essa idéia na cabeça, certo de que tem "o apelo popular necessário para ganhar uma eleição", o deputado colocou sua campanha nas ruas com três anos de antecedência.

Divide suas atividades na Constituinte com o trabalho político no Rio e não perde uma oportunidade de participar de palestras, debates, escrever artigos para jornais, dar entrevistas ou participar de programas de televisão. Está percorrendo o interior do estado, faz comícios, panfletagens, não deixa de dar ampla divulgação às emendas que apresenta na Constituinte e já mandou confeccionar milhares de plásticos com o slogan da campanha: "César Maia continua".

É uma referência a sua atuação como secretário de Fazenda de Leonel Brizola, que fixou uma imagem de administrador competente e honesto e acabou por lhe render a condição de candidato mais votado do PDT, com mais de 93 mil votos em novembro de 1986. Maia acha que não corre perigo de ser identificado como candidato da classe média, mais economista que político, excessivamente técnico para ocupar o cargo que pretende, características que os adversários dentro de seu próprio partido sempre lhe atribuem.

**Demagogo escrachado** — "Fui o mais votado nas zonas populares, Campo Grande, Nova Iguaçu e nas favelas", rebate César Maia acha que o que o povo quer é alguém que lhe inspire confiança e transmita credibilidade. "Ninguém vota mais em demagogo escrachado", diz. Nas favelas e bairros pobres que visita tem sempre o cuidado e ir bem vestido e instituiu como regra não fazer o tipo popular que bebe cachaça no bar da esquina. "Em campanha não aceito um gole de cerveja. Estou em trabalho."

César Maia garante também que não pretende ganhar a máquina do partido para conseguir a indicação para disputar o governo. "Vou conquistar a opinião pública do partido", avisa. As palestras, debates e artigos são parte desta estratégia. As reuniões pelo inte-

rior em casas de pessoas que se disponham a abrigar grupos de 30 a 40 "multiplicadores", acontecem religiosamente toda semana. Recentemente esteve em Campo Grande fazendo comícios contra a emancipação da Zona Oeste e em Campos, onde o discurso foi pela defesa do pólo petroquímico na região.

O trabalho no Rio é feito às sextas-feiras, sábados, domingos e segundas-feiras. Na sexta é dia de comício na Cinelândia. Seus assessores preparam panfletos sobre um tema em evidência, distribuem entre a população e quando César Maia sente que há um número suficiente de pessoas interessadas em ouvi-lo, sobe nas escadarias da Câmara Municipal e inicia o debate.

Há também os panfletos para grupos específicos: para os pequenos empresários está sendo feito um sobre a emenda apresentada por César Maia na Constituinte para derrubar a proposta de criação de um imposto sobre vendas no varejo; para os servidores públicos sairá em breve panfleto relatando as perdas do funcionalismo no governo Moreira.

O governador, aliás, não será diretamente atacado por César Maia antes de completar seis meses de governo. O mesmo prazer o deputado dá para começar a procurar os prefeitos do interior, uma base de apoio conquistada como secretário de Fazenda que, entre outras medidas, redistribuiu a arrecadação estadual do ICM beneficiando os pequenos municípios.

**Aliança à direita** — Nesta altura César Maia não está nem um pouco preocupado com adversários, internos ou externos. Hoje no PDT não vê ninguém em condições de ganhar uma eleição a não ser ele próprio. "E o partido vai precisar ficar com o melhor candidato, se não quiser repetir a derrota", acredita. Fora do PDT César Maia considera que há mais possíveis parceiros para eventuais alianças do que adversários.

Ele imagina que numa eleição em dois turnos fique, ao final da etapa inicial, em primeiro lugar. "Com isso, teremos condições de nos compor à direita e à esquerda". Direita, para ele, é, além do PFL, o PMDB. E acha que o discurso social-democrata que pretende sustentar durante a campanha será capaz de capturar "as bases de outros partidos, deixando as suas candidaturas".